

# O FIXADOR DE INSTANTES

A. Guilherme de Santa-Rita



## **Instante!** O Instante!

Não sei como os outros que desconhecem o meu segredo, a minha arte, podem viver da vida. Não sei.

Eu morria de saudade quando uma noite de quimera venci, realmente venci á força de ansia, achando a mais bela das artes perdidas. Porque eu não creio ter descoberto a minha arte. Apenas a reedifiquei. Foi uma reminiscencia longinqua—donde, ignoro—de muito longe, de alem-sonho talvez, que me ensinou o segredo. Acordei-o, não o fui. E tenho, é bem certo—posso gritar—tenho nas minhas mãos a vida que a todos, aos mais felizes, aos mais ricos, esguiamente foge, se desfaz sem remedio dôr após dôr.

Viver momentos radiosos, ter corpos aureos, bôcas imperiais, e a glória ungir-nos em aureolas que ascendem—é isso ser feliz? Mentira! Pois tudo passa, esvoa tão rapido como o tempo. E soffremos da saudade: da saudade do que foi, a menos cruel porque já passou, da saudade do futuro—que desconhecemos—da saudade do presente, que sentimos bem o que é, e por isso se nos torna a mais contorcida de angustia.

O homem felicissimo, em verdade, é um pobre recebedor de contas pelas mãos do qual, diariamente, milhões se precipitam e que no emtanto vê os seus filhos morrerem á fome. Assim por entre os dedos do homem venturoso a beleza caminha, é certo, mas não permanece; minuto a minuto se esgueira em rodopio alucinante. E mesmo que a beleza volte, se esse homem tiver alma, fôr um artista, os olhos de sombra se lhe marejarão de lagrimas—saudoso do que passou e não mais tornará, *só porque já foi.*

A vida, sim, a vida é uma estrela encantada e multicolor da lanterna-magica da minha infancia. No lençol que estendiamos e sobre o qual o meteoro fantastico se projectava inconstante, golphando novas formas, novas côres, eu, não podendo crer na sua mentira, enclavinava as minhas mãos fascinadas, tentando embalde fixar sobre o pano, palpar, entrelaçar a maravilha que vertiginosamente se escoava e era só luz a tingir-me os dedos, luz movediça—illusão desfeita...

Tal como a vida. A vida não se pode tactear: é brilho só, imagem fugitiva apenas. Pois o que foi não se pode reproduzir: nem com os mesmos beijos, o mesmo sol, os mesmos estrebuchamentos. E um segredo não se repete.

Como seria grande aquele que lograsse *realisar* a vida! dar

forma, persistencia, a todos os momentos belos, fulvos de angústia—em todo o caso grandes, sensíveis—que alguma hora existisse!... Para tal a vida criaria novas dimensões; seria altura, vertigem, ela que é só superfície...

Erguer a vida, sim, ergue-la em ameias de ouro e bronze, engrinalda-la de mirtos se quisessemos, e podê-la, podê-la enfim tocar... dar resistencia ás bolhas do gás fantastico, á espuma loira do champanhe—*ter tido e ter!* Glória maxima! Apoteose!

Pois bem—vôos de triunfo!—eis no que reside o meu segredo; é essa a minha arte, a arte perdida que admiravelmente venci!

Sim! eu acastelo a vida em ansias eternizadas. Ergo dela aquilo que me sentiu—ou belo ou doloroso, ou real ou falso!

E se uma tarde me varou esmaecidamente a sensação de ter esquecido um grande amor que nunca sofri—esse instante bizarro, perturbador de errado, eu soube-o fixar: esculpi-o, tenho-o. Sei vê-lo, senti-lo, como quem folheia um livro já lido, *mas que pode tornar a ler.*

Graças ao meu segredo eu folheio a existencia—mas folheio-a realmente; não evoco apenas, morto de saudade vaga, as suas paginas rasgadas. Que para os mais, os dias da vida são paginas rasgadas logo depois de lidas.

—E como erguer o instante, volvê-lo perduravel?

De mil formas, como de mil formas o artista de genio executa a sua arte.

O artista de genio—não disse: o Deus. O Deus, esse, cria. E assim, tristemente acentuo, se a minha arte edifica a vida, não a sabe emtanto viver: O momento dourado, eu posso palpa-lo, revê-lo, tornar a beija-lo em chama, mas não—ah! mas não!—fazer-lhe brotar outras asas de fôgo. Apenas os mais tudo perderam—alma e corpo das horas. Eu, se perdi as almas, tenho os corpos para mais frisantemente as recordar. Embalsamei o instante.

Eis tudo.

Não ressuscito. Petrefico.

Uma das minhas obras melhor trabalhadas; não digo das superiores—entanto das mais conseguidas—foi a fixação dum âno duma grande capital, dentro de mim, para sempre.

Eu sentia, eu amava tão lucidamente aquele sólo ultra-civilizado! Se me descia uma grande amargura, um tédio mortal, ao constatar a perda irremediavel e definitiva da minha existencia—atentava para fóra de mim, e, em face do rio latino que se esgueirava sob as pontes, tumultuante de luzes, em face do ruido urbano e longinquo que era a partitura do movimento, olhando os candelabros esguios, liturgicos por iluminarem aquela vida imensa—um orgulho enlevado todo me possuia, e um júbilo infinito, por viver tambem na capital assombrosa. Mais. Porque, numa ampliação d'alma, era em verdade eu que a vivia—tamanho amor, no fundo talvez só puerilidade, me subtilisava por aquela terra, nostalgicamente.

E como era fatal uma noite vir a perdê-la, logo deligenciei construí-la inalterável para mim e eterna.

Assim a comecei fixando, emoção após emoção—pouco a pouco, pois ela era enorme—como quem pregasse com alfinetes, lentamente, cuidadosamente, uma gradde peça de linho.

Petrifiquei-a, sim, no meu coração, a capital das ansias; enchia-a para o meu sentir de pontos de referencia, de rastros aureos através maravilhas! Tenho-a! Tenho-a!...

E eis como me guiei:

Para um bairro tradicional morava um meu amigo que muitas noites, premeditadamente, eu visitava.

Na mesma pensão viviam algumas raparigas do norte, daquelas raças louras do norte que eu tanto sinto, e entre elas, uma de quem eu tinha mais saudade, loura também e slava—dessa Russia onde, estranhamente, vive qualquer coisa de mim.

Falavamos os dois, longinquos e banais, numa conversa entretanto facil e lisongeira graças aos nomes dos mesmos artistas queridos, das mesmas obras admiradas que, momento a momento, nos faziam reconhecer.

Essa criatura gentil, tão heraldica para a minha vibratilidade, era-me preciosa como um dos muitos vértices em que assentaria a capital deificada. E então uma noite mandeia-a ler versos meus: A sua voz de encantamento vibrou por instantes uma lingua misteriosa para ela—uma lingua do sul que ali só eu podia compreender...

*Ela falara só para mim, e nunca mais, nunca mais, repetiria as palavras que murmurara só para mim.*

E os meus versos eram dourados... E a sua bôca também era dourada...

Mas não foi tudo:

Um dia o meu amigo veio-me visitar com uma rosa na mão, dizendo-me que se fôra despedir dela que partira para nunca mais eu a ver. E quando saiu, deixou a flôr que a sua camarada lhe dera ao saltar esbelta e ágil para o grande expresso. Meti a rosa esquecida num jarro de agua...

Na tarde seguinte, como o meu amigo não a viesse reclamar, ungidamente, eu cortei o caule da flôr—que os seus dedos slavos decerto haviam apertado—e algumas petalas fanadas. Encerrei estes pobres vestigios num grande sobrescrito, que lacrei, escrevendo por fôra o seu nome sonoro, fluidamente ruivo.

Quem me visse diria: "Uma recordação de amor", e quem me ouvisse contar o pormenor explicaria: "Você procedeu assim, ora, meu amigo, por uma ternura inconfessada. No fundo, creia, foi que amou um pouco essa rapariga distante, passageira fugaz da sua vida. Enternecimento, magua esbatida, saudade—e mais nada, juro-lhe".

Engano! Engano! Para mim, essa criatura não fôra mais do que uma personagem, acariciadora, é verdade, mas espiritualmente anonima no turbilhão—uma estranha como tantras outras. Valera-me

apenas como figurante gentil dum scenario, dum tempo da minha vida que, por embelezadores, eu quis fixar. E mais tarde, revivendo a pobre historia da rosa—enternecidamente, é certo—recitando os meus versos que a sua bôca de harmonia soou, indo ás minhas gavetas procurar o sobrescrito aonde existe alguma coisa dela—alguma coisa que eu posso palpar, *que eu posso destruir*—tudo isso eu referirei á cidade magnifica. E uma noite, se quiser, rasgarei o sobrescrito—*abaterei um instante da minha cidade*. A maior prova de que o vivi, de que o tinha: só quem possui pode despedaçar.

É da soma dum grande numero de instantes fixados que resulta o edificação perduravel duma época, duma paisagem, dentro de nós—e por outros detalhes como estes eu logrei construir de momentos a maravilhosa escultura urbana: lendo letreiros de ruas, decorando-os, e beijando as arvores dos jardins, palpando a terra dos boulevards, olhando recantos ignorados, ascendendo ás altas colunas...

Mas tive que lutar com a realidade demasiada e o excesso das coisas aprendidas.

Residindo largo tempo no solo admiravel, eu aprendera alguns locais tão pormenorissadamente que amanhã, longe dêles, não os poderia sentir—de tal forma nitidamente os reveria! E não os sentindo á força de os ver, eu não saberia estremece-los. Por isso, assim como o pintor esfuma a sua tela para a tornar mais emotiva, mais sensível, também eu precisei esfumar a minha cidade. E fui percorrê-la em bairros que desconhecia, nas minhas horas de grande vibração—horas que, com o scenario, pararam, ficaram bem presas para mim, pois durante elas eu oscilei sensações intensas e me perdi em sonhos geniais que, nas minhas obras, mais tarde realisarei.

Bem fixado o instante, igualmente o panorama se deteve. Mas esse panorama é-me vago porque nunca mais lá regresssei. E pertence á grande cidade. Logo, amanhã, eu posso recorda-lo *sentindo-o*. Não, *vendo-o* apenas.

Eis como emprestei ao total a bruma que uma obra destas precisa para ser eterna.

Emfim! Emfim! Desfolho rosas, esparzo aromas, flinto oiro sobre as horas belas que existo, e assim as enlaço!...

Riram-se os meus amigos quando a certa rapariguinha indecisa que eu nunca tive, dei um colar de safiras e beijos... *E' que ela me apertara os dedos numa tarde de amor*. E eu precisava guardar a luz dessa tarde, a sombra daquêles olhos mordorados, a frescura dos seus dedos—todo o aroma rutilante da hora que fugia...

Gente sem alma! Gente sem alma!

Tantas coisas da minha vida que ninguem compreende, tantas, são apenas utensilios da minha arte... Assim as tristes cartas da dançarina nua.

Ai, como eu me envaideço, como deliro das minhas estatuas! como sou rico ao percorre-las nas galerias infindáveis!... *Porque eu tenho um passado, sim, eu tenho o passado!*

Fixei a hora, guardei-a, posso tornar a vê-la.

Haverá triunfo mais alto?...

\* \* \*

Ao lembrar-me do futuro, ás vezes, para sossego do meu anseio, vem-me um desejo quimerico de o fixar tambem, dantemão. Mas isso, claramente, é impossivel... E soffro muito. E o meu soffrimento tarde a tarde se exacerba.

Amo-a tanto... tanto...

Quando ella me surgiu, a resvalar longinqua e fulva, eu tive a sensação de não ser um habitante da vida. Pois algum dia essa carne, essa voz, essa luz—que eram, sim, realmente da vida pelo tablado noturno do grande teatro cosmopolita—saberia eu beijar-las, entendê-las, como outros, vivos esses decerto?...

Porém, com a saudade que depois me veio della, a estranha sensação esvaiu-se e constatei, ah!, que existiamos bem no mesmo mundo...

...  
Era toda de misterio a encantadora. Ungiam-na ao andar sombras aureoladas, transparentes d'alma, sombras que ella mesma, da sua carne-luz, suscitava em miragem velada. E era oiro golfado a sua voz a enclavilhar-se em luxuria, oiro esbraseado por um sol desconhecido, longinquo e disperso...

Aromas capitosos a ilhas misteriosas pintavam-lhe a carne, macerando-lha, crepusculisando-lha em ansia esbatida—a temperar o desejo talvez, ah! mas sem duvida contorcendo-a em requintes perversos de esfinge saudosa a luar e a morte... Toda ella emfim se esculpia de chama, e era oscilação, sonoridade e pasmo estrebuchando a louca do poema medonho, denso como uma bebedeira rôxa após uma noite de amor e estrangulamentos...

A aureola que a envolvia fôra agora mais sedução, e a toda nua redemoinhava sempre. Espasmo a espasmo, em insidia, os veus tinham sossobrado. As pernas vibravam, perniciosas, uma friagem humida, esguia; o ventre frutificava. Só as pontas dos seios prosseguiam o seu misterio...

Ebânicas, as tranças tinham-se-lhe desprendido; e era já só perversão e loucura a grande viciosa, quando, ao arquear-se sobre a cisterna alucinante, morta num extase—os proprios seios lhe golfaram nus, espectrais de roxidão, heraldicos de crime...

... E quando por ultimo caíram sobre ella, a esmaga-la, os sons finais da partitura, que os tambores fechavam sobre a fera—eu tive medo, ah! sim, medo, que não se erguesse mais, consumado o poema, morta do amor, morta do desejo que em mim suscitara, ou—pelo menos—morta de amor de si mesma...

Mas não... Resplandeceu tranquila, descomposta e banal, sempre linda, curvando-se do proscenio sob os aplausos infames...

Mais tarde conheci-a. E o sonho continuou... Hoje vivo dela... e ainda não a beijei... e tremo tanto de a beijar... tanto...

A sua alma é como o seu corpo vibrando no poema alucinado. A sua alma anda tambem nua e é toda oscilação, misticismo sonoro, perfume arripiante...

Ai, como eu a quero... como eu a quisera num espasmo sem fim...

É a maior agonia é que ela me quer tambem. Uma noite, fatalmente, os nossos corpos se hão de embarçar... Mas depois... depois...

Meu Deus, quando a tiver possuido em extases de côr e ansias de harmonia—saudade!—vivi o mais dourado instante: o maior do passado, *o maior de Amanhã!*...

Embalde... Pois como encerra-lo, como para-lo, esse instante divino, se ele é tamanho orgulho?... Até hoje eu soube edificar as coisas belas que fremito. Tristes coisas... Mas amanhã? Amanhã... Maravilha!

Sou todo medo, subtil quebranto, em face á obra genial que devo alterar—*que altearei se fôr.*

Um poeta assombrado do seu genio, receoso de o não envolver nos seus versos, difuso de cansaço, disparou-se um tiro esta aurora. E como ele eu tenho a lembrança de morrer, de desertar perante a minha obra, cego dela... cego dela...

Mas não!

E' preciso ser força. Eu posso. Hei de vibrar, hei de sangrar, hei de sonhar—e por fim acharei a vitória de esculpir tambem o momento inegalavel da posse.

A posse!

Possuir-lhe-hei a carne muita noite, fria e nua—mas nunca a terei tanto de quimera como a vez primeira que a beber...

Ontem passeámos os dois, tão unidos... E ela pendurava-se-me num enlevo, a oscilar, a flébil. Reciei até que morresse de mim... E depois separámo-nos. Só ferindo-nos as bôcas...

E' que ela tambem me deseja... tambem treme de mim...

A grande fera! A grande fera!...

Se eu pudesse architectar o futuro, estaria agora mais tranquilo. Iria para a noite assombrosa, bem certo de a saber fixar, mesmo com ela já fixada. Assim, alem de todos, um pavor me

alucina: se depois de viver o Instante eu vir que ele é ainda mais aureo do que posso ultrapassar?...

Tudo perdido! Tudo perdido...

Mas não importa!

Hei de vivê-lo.

Embora. Terei sido luz!

\* \* \*

A vitória! A vitória!

Em frente de mim, no leito de esplendor, enrodilhava-se-me a grande cobra, votivamente oferecida. E foi só então, em verdade, que eu pude descer a altura do instante, medir a ascensão infinita da minha obra irreal.

Pois como fixar tudo quanto me excedia?... Seguindo-lhe o corpo nu, embaralhava-me iludido: a sua beleza, de ilimitada, era um labirinto. Não findava nunca, contorcia-se. E os meus olhos de esforço tinham medo dela num transviamento...

Depois, em face do assombro, escapava-me a riqueza que me envolvia e eu precisava também reter: a côr do ar, o seu perfume revoltado, o seu timbre leonino... e as sedas, as peles; as rendas... as taças de cristal, os candelabros d'ouro... as folhas de amaranto... os gumes dos punhais...

Perdido, foi como se me lançasse ao oceano que me lancei sobre o seu corpo.

E em verdade houve um marulhar de vagas...

A glória fôra excedida! O instante que eu delirara não era só o maior, era mais alguma coisa: em face dêle, todos os momentos que vivera já se abatiam como espuma. Sim! Sim! Por terra, derrocadas, jaziam todas as minhas horas! E sob as ruínas, esmagava-me eu sem nunca mais me poder ressurgir—excepto se lograsse á força d'alma, fixar o instante sublime que me havia agitado: *o Instante da minha vida*, agora e para sempre, era irremediável...

Senti abismar-se dentro em mim a derradeira amargura. Fui todo asas partidas. Mas revoltei-me, condensei-me em esforço... Quando ela adormeceu, surgira-me enfim a ideia genial. E venci-a! Venci-a!...

Primeiro tive medo. Em face da maravilha todos têm medo. Mas depois fui audacioso...

Ritualmente, bem lucido, avancei sobre as rosas desfolhadas... Se ela o soubera havia de me abençoar... Numa ternura a descobri. Houve uma vertigem... Iriado, o seu corpo litúrgico platinava-se sombriamente pelo leito fantástico... Um arrepio de beleza se me eternizou... Aconcheguei-lhe as tranças e, de mansinho—não a fosse desmornar—cravei-lhe no peito um estileto aureo...

Os cabelos sonorisaram-se-lhe, logo volvidos silencio outonal...

toda a sua carne ondeou num arqueamento de luz... E nem mais uma vibração...

Trinqueei-lhe as pontas dos seios mortos. Fugi...

Glória! Glória! Tenho-a para sempre!...

Ai! como eu soffro... como eu soffro... Ninguem nunca soffreu o que eu soffro! Sou todo horror de mim proprio, ternura inutil, confrangimento...

Que importa, se extase a extase, eu sei percorrer em triumpho, guiado pelo remorso do meu crime, tudo quanto na noite inegualavel precedeu o meu crime?...

Tinha a maravilha, e quebrei-a!...

Mas quebrando-a, esculpi-a eternamente em saudade. Assim é que eu a tenho, assim é que eu a dobro! Se não a despedaçara, destruiu-a sem remedio—tamanha a sua luz, tamanha a sua altura...

E perdê-la fôra o maior sacrilegio. Infame aquê! que, tendo vivido tão admiravel sonho, o deixasse esvaír.

Matei-a para não a acordar dentro de mim.

Ha maravilhas que só devem ser sonhadas.

E eu sonhar-te-hei sempre, meu amor!...

Vitória! Vitória!

Nunca mais esquecerei os teus beijos, pois logo os perdi; nunca mais olvidarei os teus seios, pois mal os conheci. Fundi a saudade universal na saudade do teu corpo—saudade que só eu edifiquei, pois só eu o detive.

Tu perdôas-me! perdôas-me! *Foi para te rezar que te dourei de morte.*

O' estátua da hora! ó minha côr, ó meu som, ó meu aroma—sempre te hei de sentir, e fremir, e divagar...

Vês tu: Nem teve fim a nossa vitória. Pois eu não fixei apenas o instante luminoso. Fiz mais: desci da vida—hoje sou eu proprio essa aureola. *Sou o Instante.*

Estilisei-me em tempo. Parei.

Que delirios, o resto?

A grande sombra! a grande sombra!...

Lisboa—Julho de 1913.

Alfaro de Sá - Carneiro